

A ONTOLOGIA AFERIDA NOS PROLEGÔMENOS DA OBRA “GEOGRAFIA” DE ESTRABÃO

Teoria, história e metodologia da Geografia
Marcio Henrique de Mello Pereira
Universidade de São Paulo / Brasil
E-mail: xakanakas@gmail.com

Este artigo objetiva averiguar quais foram os principais construtos teóricos aos quais Estrabão se utilizou em sua obra *Geografia*, sobretudo nos Prolegômenos, para fundamentar a ontologia, que trata do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

A metodologia se pautará num método histórico que analisará os construtos teóricos que fundamentaram a ontologia da obra *Geografia*, essencialmente nos livros I e II, em que estão expostos a estrutura e o escopo da obra, bem como uma descrição geral do mundo conhecido na época e suas ideias sobre a ontologia da Geografia.

Apesar de declarar que todos os seus mestres, enquanto jovem, tenham sido gregos da Ásia Menor e aristotélicos, Estrabão declara-se estoico, como também estoicas são as suas ideias que estão inseridas nos conceitos referentes à inteligência que compõe o mundo a partir dos sentidos, nas obras da natureza e no papel da Providência, que engendra os seres vivos e produz transformações dentro da unidade do todo.

Deste modo, em uma análise comparativa, será elaborado um diálogo entre os fundamentos teóricos que Estrabão utilizou na obra *Geografia*, e os fundamentos referentes à filosofia estoica, a qual se autodeclara, para sabermos até que ponto o estoicismo fundamenta a ontologia utilizada em sua obra.

Palavras-chave: Estrabão, geografia, ontologia.

A ONTOLOGIA AFERIDA NOS PROLEGÔMENOS DA OBRA “GEOGRAFIA” DE ESTRABÃO

A maior parte das informações sobre Estrabão foram retiradas da sua própria obra, *Geografia*. Ele refere-se à cidade de Amasia, na Turquia, como “nossa cidade” e, a partir disso, deduz-se que esta seja sua cidade natal. Amasia fora capital do Ponto, região do norte da península da Anatólia, ao sul do mar Negro.

Descendente de uma família pertencente à aristocracia regional do Ponto, Estrabão é um grego da zona oriental, tendo sofrido influência da língua e cultura helenica. Descendia, por parte de mãe, de uma importante família grega que desempenhou importante papel nos assuntos políticos da época. Seu avô materno, chamado Moafernes, era um membro do partido antirromano de Mitrídates, enquanto outro membro da família, o general Dorilaos, foi derrotado pelos exércitos do ditador romano Sula.

O reino do Ponto foi fundado por Mitrídates I, ao final do século IV e permaneceu sempre independente das grandes monarquias helenísticas. Mas com a morte de Mitrídates Eupator terminou o período de independência grega em relação a Roma¹. Portanto, Estrabão (63 ou 50 a.C. a 24 d.C.)² é contemporâneo da derrota final de Mitrídates por Pompeu, culminando com a conquista romana sobre sua terra natal, impactando a sua família em muitos aspectos, principalmente a partir de 64 a. C.³

Portanto, Estrabão é contemporâneo de Augusto, e seu nascimento coincide com o fim da independência do Reino do Ponto. Sua infância e juventude transcorreram perante sucessivas guerras civis, porém, com o domínio romano na região, Estrabão passa a aceitar o poder de Roma, dando parecer favorável à volta da ordem na região. No entanto, sua *Geografia*, provavelmente, foi escrita, sobretudo, nos primeiros anos do reinado de Tibério⁴, que supõe-se ter coincido com a sua morte, posterior a 23 d.C., data em que morreu o rei da Maurúcia, Juba II, fato mencionado em sua *Geografia*.

O jovem Estrabão, estudou gramática e retórica com Aristodemo de Nisa, que era parente do estoico Posidônio, que muito o influenciou. Desde jovem, Estrabão viajou muito, tendo ido a Itália, sobretudo a Roma, várias vezes, bem como a muitos lugares da Ásia Menor, e também esteve em Alexandria. Seus principais mestres, na adolescência, segundo ele, foram gregos de Ásia Menor e aristotélicos, como Tirano de Amiso, cuja atividade peripatética se exerceu em Roma, onde teve acesso às obras de Aristóteles e Teofrasto, e quando esteve no Egito, deparou-se com a biblioteca de que dispunha Eratóstenes, tendo conhecido a Zenódoto e a Aristarco, e do próprio Eratóstenes cita outras obras além de sua *Geografia*. Apesar de seus mestres terem sido principalmente peripatéticos, Estrabão declara-se filósofo estoico⁵, por isso a maioria dos filósofos citados do século I pertencem a estas duas escolas.⁶

No momento da dispersão dos filósofos alexandrinos com a ascensão ao poder de Ptolomeu VIII, em 145 a.C., outras cidades gregas beneficiaram-se da diáspora.

¹ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 15 a 19.

² Autores como Claude Nicolet (1988), François Lassere² (1983) e Benedict Niese (1883) fixam como datas prováveis os anos de 64-63 a.C., mas outros autores, como a canadense Sarah Potheary (2002) e a americana Katherine Clarke² (1997), propõem um recuo para cerca de 50 a.C., fato que tornaria possível estender a morte de Estrabão para o final da década de 20 d.C. (Apud SILVA, 2010, p. 75).

³ Em 64 a. C. foi o ano da morte de Mitrídates Eupator e da anexação do Ponto por Pompeu, portanto não seria raro que um acontecimento de tal importância houvesse servido a Estrabão para dividir duas épocas, a da independência e a da dominação romana, unidas a desestabilização familiar (ESTRABÃO, 1991, p. 8).

⁴ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 13-14.

⁵ ESTRABÃO, *Geografia*, livro 7, cap. 3.

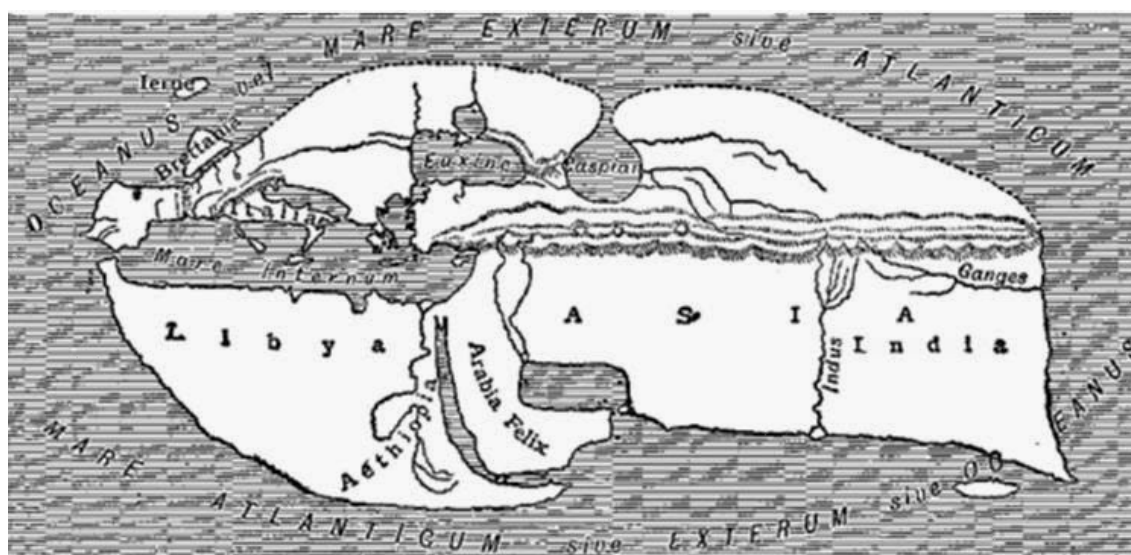
⁶ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 7-13 e 34-37.

Estrabão utiliza-se profundamente do *Catálogo de navios*, de Apolodoro de Atenas, e também cita outro grande discípulo de Aristarco, Dionísio Trácio, cuja arte gramática, que fora o manual mais utilizado na Antiguidade, contém influências estoicas. Dionísio foi criado em Rodas, que se tornou o grande foco cultural dos séculos II-I a.C., graças à atividade dos estoicos Panécio e Posidônio, o último dos quais é fundamental à obra de Estrabão⁷.

No decorrer de sua formação intelectual, Estrabão realizou grandes viagens, onde completou sua formação, durante o qual ele visitou a Grécia, a Itália e o Egito, e também viajou a África e a Europa Ocidental, regiões que foram amplamente detalhadas em suas obras. Por causa de sua amizade com o filósofo estoico e conselheiro de Augusto, Atenodoro, Estrabão foi bem recebido nos círculos do poder em Roma, declarando-se entusiasta do Império Romano. Em Roma, recebeu lições de Tiro, o professor dos filhos de Cícero, tendo recebido aulas com o filósofo peripatético Xenarco de Selêucia, mas, já adulto, ao que tudo indica, optou pela escola estoica. Estrabão expandiu seus horizontes intelectuais ao estudar poesia, história e filosofia, tendo adquirido ampla cultura, bem como um conhecimento profundo das obras de Homero.

A *Geografia de Estrabão* possui dezessete livros, que nos chegaram na íntegra, exceto o livro VII, que se tem apenas fragmentos, sendo que os livros I e II, os “Prolegômenos”⁸, explicam o escopo da obra, abordando, através de uma visão geral, o mundo conhecido, baseando-se em relatos, descrições e reflexões, inclusive de seus antecessores, ora concordando ora não.

Atribui-se aos dois primeiros livros da Geografia de Estrabão uma fundamentação teórica prévia, em que é situada a discussão da obra de grandes geógrafos, a apresentação de um esboço do orbe habitado e um quadro dos *climata* referente à descrição das várias regiões do mundo habitado a que se dedica os restantes quinze livros, que se referem às regiões do ecúmeno, da Galízia e Bretanha até a Índia, e do Mar Negro a Etiópia⁹, conforme a seguir:



⁷ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 32-34.

⁸ O caráter vago e difuso da argumentação não permite atribuir entidade própria a qualquer parte dos Prolegômenos, e ao que parece, foram escritos depois do restante da obra (ESTRABÃO, 1991, p. 195-7).

⁹ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 191-195.

O ecúmeno, segundo Estrabão, seria semelhante a uma vasta ilha, cercado por todos os lados pelo oceano, ao passo que, nas terras ainda inexploradas, a razão indicava que o mar deveria também estar presente, com exceção de um pequeno espaço no centro, que talvez seja limitado por mar ou por terra desabitada.¹⁰

Portanto, os demais livros, do III ao XVII, referem-se, respectivamente, a Ibéria, a Europa Centro-Occidental, a Itália, a Europa Oriental, a Grécia, a Creta, a Ásia Menor, a Índia e a Pérsia, a Mesopotâmia e ao Egito e a Líbia. Estrabão estudou estas regiões com base numa metodologia em que se utilizou de diversas áreas do conhecimento¹¹, descrevendo o clima, o modo de vida dos povos e o processo histórico da região em análise, bem como destacou a importância do ambiente físico sobre o caráter dos habitantes. Também se utilizou do método comparativo, contrastando características geográficas muito distintas, legando à posteridade o modo de vida dos povos, as cidades e inúmeros escritos da Antiguidade.

Para Estrabão, a geografia é direcionada principalmente para o alcance e as necessidades de governo, mas a atividade do geógrafo também tem uma parte não negligenciável de consideração teórica do tipo técnico, matemático e físico¹², e a que subjaz na informação histórica e nas narrações míticas que não têm projeção prática.¹³ Para ele, a Geografia tinha por fundamentos a Geometria, sobre a qual, por sua vez, baseia-se a Astronomia e esta, enfim, serve de apoio à Física. Daí a necessidade de conhecer tais ciências, e essencialmente a História.¹⁴

Muitos pensadores são citados e analisados em sua Geografia, mas o autor favorito de Estrabão é Homero, cujas citações são maiores do que qualquer outro autor, incluindo geógrafos. Desde os Prolegômenos, as citações de Homero são generalizadas e acabam tornando-se o centro da descrição da Grécia, não só pelas fontes utilizadas, mas pelos objetivos do autor com a sua *Geografia*.¹⁵ Com respeito a ter sido Homero quem fundou a geografia, também são homens dignos de menção e familiarizados com a filosofia os que seguiram o seu caminho, incluindo Eratóstenes, bem como os primeiros sucessores de Homero, Anaximandro e Hecateu, ambos de Mileto.¹⁶

Mas acima de tudo, segundo Estrabão, tanto nós como os nossos antecessores, entre os quais está Hiparco, temos razão ao supor que o fundador do estudo empírico de Geografia é Homero¹⁷, que não só é bem superior aos que o precederam e aos que o sucederam no que tange à excelência de sua criação poética, mas também sobre sua experiência política, a partir do qual não se esforçou apenas no estudo de grandes ações, mas também no que se refere aos lugares de cada região e aos da totalidade do orbe

¹⁰ AZEVEDO, 1965, p. 151.

¹¹ Quanto a inter-relação das disciplinas geográficas, nem mesmo quem já tem tão elevado pensamento mantém-se ciente do estudo de toda a Terra. De fato, parece ridículo que em seu afã de expor claramente o orbe habitado, atreva-se a realizar o estudo dos corpos e fenômenos celestes e usá-los com fins divulgadores e, em vez disso, não se ocupa de que dimensões nem de que características têm o globo terrestre do qual o orbe habitado não é senão uma parte, ou em que lugar do universo o mundo se encontra; ou se está habitado em uma só parte, neste caso, em quantas; nem tão pouco de que dimensões e características é a sua parte não habitável, e por quê? (ESTRABÃO, 1991, p. 228).

¹² A matemática que se baseia no cálculo exato, como a física, definida como ciência principal por Estrabão, ocupa-se do estudo global da natureza e da determinação das leis que a rege e é superior a todas as demais.

¹³ ESTRABÃO, 1991, p. 237.

¹⁴ AZEVEDO, 1965, p. 151.

¹⁵ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 42.

¹⁶ ESTRABÃO, 1991, p. 224.

¹⁷ O dogma da onisciência de Homero é um lugar comum dos estoicos, que recolhe opiniões de Zenão, sobre a esfericidade da Terra e de Posidônio (RAMÓN e BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 210).

habitado, que se apresentava banhado por todos os lados pelo Oceano, devido ao caráter insular do mundo habitado, e, além disso, alguns dos territórios os menciona pelo nome.¹⁸

Para Estrabão a Geografia é uma atividade filosófica, uma vez que os primeiros a entrarem em contato com ela eram filósofos, tais como Homero, Anaximandro¹⁹ e Hecateu²⁰, Eratóstenes²¹; Demócrito²², Eudoxo²³, Dicearco²⁴, Éforo²⁵ e alguns outros; e também aqueles que o sucederam, como Eratóstenes, Políbio e Posidônio,²⁶ todos eram filósofos. Além disso, a multiplicidade de conhecimentos não é dada a outro homem que não dê atenção às coisas divinas e humanas. E também devido à sua utilidade, embora muito polifacética, implicitamente prescreve o mesmo tipo de homem, o que ocupa seus pensamentos na arte de viver e na felicidade²⁷, preceito muito respaldado na ética estoica.

A geografia, segundo Estrabão, implica uma multiplicidade de conhecimentos, e reitera que o conhecimento em todos os campos da geografia é necessário. Declarações do próprio Estrabão sobre as fontes utilizadas deixam claro a importância que atribui ao conhecimento advindo dos fundamentos dos grandes geógrafos que o precederam, principalmente em astronomia, geometria e física, inclusive a dos filósofos estoicos em questões menos especializadas. Entre as fontes que Estrabão afirma abertamente ter utilizado incluem, em especial, os três livros da *Geografia* de Eratóstenes e o *Contra Eratóstenes* de Hiparco, *Sobre o Oceano* do estoico Posidônio de Apamea e o livro XXXIV, relativo à descrição da Europa, da *História* de Políbio.²⁸

Portanto, no momento da composição da sua obra *Geografia*, Estrabão recebeu imenso arcabouço de conhecimento, nas mais diferentes áreas do saber, o que torna imprescindível para esta pesquisa, ao menos, averiguar os principais construtos teóricos que fundamentaram tanto sua precursora epistemologia em Geografia, como sua

¹⁸ ESTRABÃO, 1991, p. 210-211.

¹⁹ Anaximandro de Mileto, autor de um tratado filosófico em prosa intitulado *Sobre a natureza*, foi autor do primeiro mapa terrestre (a chamada carta jônica), sobre a base de que a Terra teria forma cilíndrica (RAMÓN e BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 207).

²⁰ Hecateo de Mileto foi viajante e geógrafo, é autor de uma descrição da Terra, que incluía as da Europa e Ásia e que constituía o primeiro tratado de geografia regional descritiva (ROMERO, 1952, p. 45-46).

²¹ Meio século depois de Dicearco, Eratóstenes (276-194), diretor da Biblioteca de Alexandria, compila uma grande obra geográfica para analisar criticamente todos os dados até então conhecidos. Grande adversário das concepções preferidas em seu tempo – que vemos em Homero e nos geógrafos mais antigos, como Eratóstenes, mais do que em Anaximandro, como o verdadeiro iniciador da geografia científica, tendo estabelecido o fundamento para o exame matemático-geográfico da esfera terrestre. Tratou também de questões de Geografia física. Elaborou os materiais topográficos que serviriam para a formação de um mapamundi, sobretudo uma carta do Ecúmeno (KRETSCHMER, 1942, p. 19-20).

²² Demócrito de Abdera (460-370 a.C.), filósofo atomista e grande viajante, atribui-se a ele os avanços no domínio da geografia mapa. Estrabão considera Demócrito como um precursor da atitude racional do *nil mirari* tão querida aos estoicos (RAMÓN e BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 208).

²³ Eudoxo de Cnido, astrônomo que escreveu uma descrição da Terra e um Tratado de Astronomia. Estrabão o cita elogiosamente como especialista em localizações mediante o estudo da latitude, e destaca sua teoria das esferas concêntricas (RAMÓN e BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 208).

²⁴ Dicearco, discípulo de Aristóteles, dividia em duas partes o mundo habitado, partindo das Colunas de Hércules até o monte Imeo/Norte do rio Ganges, fez medições da longitude da Terra e do Círculo Polar Ártico com critérios astronômicos e geométricos (Ramón e Blanco in ESTRABÃO, 1991, p. 208).

²⁵ Éforo de Cime (450-330 a.C.), discípulo de Isócrates, foi autor de um tratado de história universal. O livro IV, dedicado a Europa, foi usado por Estrabão, que atribui a ele a distribuição do orbe habitado segundo o critério dos pontos cardeais (RAMÓN e BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 208-9).

²⁶ Posidônio (135-51 a.C.) é filósofo, cientista e historiador. Situa-se no Pórtico médio. Deve-se a Posidônio um destaque à simpatia reinante na natureza.

²⁷ ESTRABÃO, 1991, p. 207-9.

²⁸ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 198-9.

ontologia, no que se refere ao mundo conhecido até então e às suas devidas representações, às concepções filosóficas existentes na época, ao avanço das ciências e ao contato com diferentes regiões e povos.

A extensão do horizonte geográfico, sobretudo a partir da expansão do domínio romano, necessitava de uma transformação subsequente dos mapas, para os quais já não eram suficientes meras exigências matemático-geográficas e astronômicas, que, por sua vez, seriam substituídas pelo material recolhido com novos dados e observações. A isto consagrou seus esforços o historiador Políbio (205-123 a.C.), que também tratou da Geografia, com especial interesse na Geografia descritiva. Mas também desenvolveu as representações cartográficas e, copiando a Éforo, aceitou a concepção circular da Terra defendida pelos Jônios, com o Mediterrâneo como linha divisória, com tal sucesso que foi preservado nos escritos de compiladores romanos e na Idade Média.²⁹

No início de sua descrição sobre a Grécia, Estrabão diz que dela se tem ocupado, após Homero, três tipos de autores: uns escreveram sobre os indivíduos e portulanos, viagens e descrições da terra; outros, em obras históricas de caráter geral, mostraram “a topografia dos continentes”, como Éforo (405-330 a.C.) e Políbio (220-146 a.C.); e também, em obras “de física e matemática” também trataram do tema autores como Posidônio (135-51 a.C.) e Hiparco (190-120 a.C.). Estrabão resume as três principais linhas de pesquisa que, além de Homero, convergiram em sua Geografia. O esforço de unificá-las só foi realizado na Antiguidade, por Eudoxo (408-355 a.C.) e Eratóstenes (276-195 a.C.), fundador da nova geografia; depois deles, apenas Estrabão, a partir de um ângulo diferente, tentou novamente.³⁰

Com Eudoxo de Cnido podemos dizer que a esfericidade da Terra, ideia pitagórica e platônica, vai definitivamente estabelecer-se no pensamento grego. Eudoxo é importante porque é o primeiro que reúne uma preparação geográfica e científica, especialmente geométrica e astronômica, cuja combinação de saberes era o que podia outorgar à geografia uma base científica séria e este será o caminho seguido pelos principais geógrafos posteriores, como Píteas e Eratóstenes. Eudoxo em *Sobre as velocidades* formulou a ideia de um cosmos esférico, com movimentos circulares das estrelas ao redor da Terra, fixada no centro, tendo representado um progresso incomparável com o que se tinha até então, e ele se torna o fundador da nova geografia, mencionado por Eratóstenes e Hiparco, cuja visão do universo tornara-se fundamental.³¹

Pouco depois da morte de Eudoxo, Alexandre realizará um empreendimento sem precedentes entre 331-323, que mudou não só o curso da história, mas a face do globo até então conhecida, através da expansão do ecúmeno, com a fusão cultural entre Oriente e Ocidente e com o deslocamento do centro da cultura grega de Atenas para Alexandria. A partir dos sucessores de Alexandre, os gregos passam a ter o maior desenvolvimento cultural da época, que vai coincidir com o pico da Geografia grega. Alguns astrônomos caldeus, citados por Estrabão, testemunham este intercâmbio, como o sacerdote de Baal, Beroso, que dedicou a Antíoco I, sua obra *Babyloniaká* ou *Chaldaiká*, no início do século III, apresentando a astrologia e a astronomia unidas, exercendo uma influência poderosa sobre o mundo grego, e fazendo com que tanto platônicos como pitagóricos e estoicos fossem impregnados desse misticismo.³²

No entanto, a *Geografia* de Eratóstenes (276-195 a.C.) marcou época, tanto que o nome que deu a seu tratado, *Geōgraphiká* o *Geōgraphoúmena*, acabou convertendo-se no da disciplina, pois unia a geografia científica com a descritiva, na linha de Eudoxo,

²⁹ KRETSCHMER, 1942, p. 20-21.

³⁰ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 56-57.

³¹ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 76-80.

³² BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 82-86.

com uma nova documentação que se havia acumulado no último século, e que, como diretor da biblioteca de Alexandria, teve a seu dispor. Neste período, a Geografia grega alcançará sua máxima expressão científica com Hiparco e, do ponto de vista descritivo, preencherá a lacuna do deficiente conhecimento do Ocidente, que será o objetivo dos geógrafos mais renomados da época. A Geografia científica proveniente de Eudoxo e Eratóstenes, que combinava matemática e descrição se fortalecerá, e resultará posteriormente na Geografia de Ptolomeu. Já, dos autores que cultivaram a geografia descritiva, a maioria seguiu utilizando a história, ou pelo velho procedimento de correlações, como Políbio, ou escrevendo tratados independentes que se entendem como complementos de suas histórias, como Estrabão.³³

Um dos últimos pensadores que muito influenciou Estrabão, foi Posidônio de Apamea, chefe da escola estoica, que, em sua obra *Sobre o Oceano*, discutiu uma série de problemas de geografia física. Seu amor pela ordem o leva a uma hierarquia esclarecedora do espaço geográfico e, em suas descrições, ocuparam um papel particularmente importante a economia, o comércio e os recursos naturais.³⁴ Após Posidônio, já na época de Estrabão, Roma finalmente domina o Mediterrâneo e aumenta o conhecimento de vastas regiões da Europa e da Ásia.

Apesar de se declarar filósofo estoico, as fontes de Estrabão que cabe atribuir influência estoica, que são encontradas nos Prolegômenos, foram a *História* de Posidônio e o tratado *Sobre o Oceano* de seu discípulo Atenodoro. Contudo, critica Posidônio por sua aristotélica aficção à etiologia e por considerar a latitude como crucial à diversidade de plantas e seres vivos.³⁵ Contudo, há um consenso sobre sua adesão ao estoicismo, pois ele próprio declara-se estoico³⁶, entretanto, quando se trata de suas opiniões e visões de mundo, as interpretações de sua obra tomam rumos distintos.³⁷

Todavia, ressalvas de incoerência com o estoicismo ou de relativo ecletismo, são feitas mais precisamente em conhecimentos concernentes a alguma área setorial da geografia que propora, levando mais a equívocos de cunho epistêmico do que ontológico, uma vez que ao declarar-se estoico, duas premissas já estão pressupostas. A primeira é que em momento algum, dentre as fases do estoicismo, houve um único *corpus* filosófico incontestado e coerente, em que tudo estaria explicado e integrado, que envolvesse a Física, a Lógica e a Ética, a segunda premissa é que os próprios fundamentos utilizados pelos estoicos foram constituídos através de distintas concepções filosóficas, nomeadamente da filosofia Jônica, de Heráclito, de Platão, de Aristóteles, dentre outras. Soma-se as premissas anteriores, o fato de a Geografia ter sido na Antiguidade uma disciplina complexa, a qual convergiram diversos campos do conhecimento, demonstrando as dificuldades existentes para extrair de outras áreas seu conceito e metodologia próprios.

No entanto, seria exagero ver em Estrabão um filósofo exclusivamente estoico, pois o aristotelismo foi muito importante na sua formação e, além de outros professores peripatéticos, Tirano³⁸ teve um papel relevante e estava muito interessado em geografia. Se Estrabão rejeita o aristotelismo de Posidônio quanto às causas, nós vemos isso como provavelmente uma característica original do geógrafo, que retornaria à concepção da antiga Stoá, servindo aos interesses romanos ligados à prática política. Estrabão fez

³³ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 89-93.

³⁴ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 97-99.

³⁵ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 200-201.

³⁶ ESTRABÃO, Geografia, livro 7, cap. 3.

³⁷ SILVA, 2010, p. 75.

³⁸ Utilizou-se de vasta biblioteca, ao qual se deparou com obras de Aristóteles e Teofrasto.

comentários de seus grandes mestres, sobretudo de Zenão e Crisipo, e também de Crates de Mallos, o estoico que mais cita depois de Posidônio, cujas interpretações são defendidas, em parte, por Estrabão.³⁹

Deste modo, mesmo com todas as premissas constatadas, a ontologia de que Estrabão se utilizara em sua obra *Geografia*, é essencialmente estoica, como será averiguado, a partir de agora, inter-relacionando as assertivas estrabônicas com os fundamentos do estoicismo, bem como enfatizando que os fundamentos estoicos foram oriundos de um amplo arcabouço filosófico que envolveu diversas matrizes da filosofia, numa tentativa de criar um sistema que minimizasse, ao máximo, as contradições e paradoxos advindos das filosofias anteriores.

Mesmo diante dos seus estudos aristotélicos com professores renomados, tudo leva a crer que a filiação de Estrabão ao estoicismo tenha sido uma escolha adulta. Estoica é também a distinção das três principais partes da filosofia que utilizara, ou seja, a física, a ética e a lógica, e as ideias encontradas em seus conceitos de inteligência, que compõem o conjunto a partir dos dados dos sentidos, sua fé nos desígnios da natureza⁴⁰ e no papel da Providência, o que gera os seres vivos e distribui deuses e homens pelo universo e produz mudanças dentro da unidade do todo. Para Estrabão, o interessa, sobretudo, a felicidade do homem, algo comum nas filosofias helenísticas.⁴¹

É notório certificar que as figuras principais que fundaram a escola estoica tiveram origem, com poucas exceções, no oriente do Mediterrâneo, principalmente em Atenas, e esta escola veio a se tornar a principal da Era Helenística, tendo nascido em 334 a.C, tendo como fundador Zenão. Foi lá que o eixo da atividade filosófica permaneceu até o século I a.C. Seus sucessores foram Cleantes e Crisipo⁴², o maior de todos, na primeira fase estoica. No estoicismo médio tivemos importantes contribuições tanto com Diógenes da Babilônia e Antípatro de Tarso quanto com Panécio e Posidônio. E no estoicismo romano, ou seja, a última fase da “escola”, que coincide com o período Imperial romano, foi dominado por Sêneca, Musônio Rufo, Epiteto e Marco Aurélio.⁴³ E foi justamente nesta época e nesta mesma região do Mediterrâneo que nasce e vive Estrabão, já sob o domínio romano, visto que o estoicismo foi generalizado entre as camadas superiores de Roma, estendendo-se à vasta região do Império.

A ética estava, segundo Zenão, associada ao progresso moral e à “conformidade com a natureza”, ou seja, resultando na felicidade e bem viver, a qual Estrabão também aludia. No entanto, o estoicismo surgiu como filosofia socrática, mesmo que, seus primeiros estudos tenham sido com o cínico Crates, cuja ética cínica influenciou o pensamento estoico. Portanto, a filosofia estoica era constituída pela Ética, delineada em geral como uma revisão socialmente respeitável da moralidade cínica; pela Física, que supõe um único mundo divinamente governado; e pela Lógica, que inclui não apenas o estudo formal do argumento e de outros modos de discurso, mas também o que de um modo geral poderia ser chamada de “epistemologia”.⁴⁴

³⁹ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 38-47.

⁴⁰ Na natureza e por obra da Providência “tudo está em perpétuo movimento e sofre grandes transformações” (ESTRABÃO, 1991).

⁴¹ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 45-47.

⁴² Fundador do estoicismo, as ideias de Zenão são destoantes da posterior doutrina estoica. Talvez não teria sobrevivido o estoicismo, se não fosse Crisipo, pois foi ele quem imprimiu as linhas mestras ao estoicismo.

⁴³ SEDLEY IN INWOOD, 2006, p. 7-8.

⁴⁴ SEDLEY IN INWOOD, 2006, p. 9-13.

Um dos eixos fundamentais do estoicismo postula o mundo como sendo único, limitado e esférico. Para Zenão eterno é somente o *lógos*⁴⁵ que sinonimiza com Deus. O absolutamente perfeito é Deus, o qual encerra toda a perfeição da natureza. Todo o resto caracteriza-se como relativamente perfeito, ou seja, cada ser em seu grau distingue-se por um traço de perfeição,⁴⁶ inclusive o homem.

Muito da filosofia estoica também foi proveniente, a princípio, de fundamentos socráticos, através do Sócrates descrito por Platão, mas de meados do século II a.C. em diante, uma nova corrente na orientação da escola estoica revisou sua herança platônica. Alguns fazem essa corrente remontar a Diógenes da Babilônia, mas a melhor evidência aponta seu sucessor Antípatro de Tarso como o verdadeiro instigador dessa corrente. Seja como for, o novo interesse em explorar um terreno comum com Platão⁴⁷ desenvolveu-se em fins do século II a.C. com Panécio, sucessor de Antípatro (129-110 a.C.), e com Posidônio, o legatário de Panécio (135-51 a.C.). O *Timeu* de Platão havia exercido seminal influência sobre a cosmologia dos primeiros estoicos, e Posidônio fiava-se na tradicional identificação do porta-voz de Platão, com um pitagórico. Ao adotar essa maneira pitagórica, Posidônio estava reescrevendo a ancestralidade do estoicismo de um modo que vai além de tudo o que podemos atribuir a Panécio, através da tripartição da alma, a primeira a ir além do que os estoicos reconheciam como “socrático” e invocar uma tradição “pitagórica”.⁴⁸

Pois, com Platão, o divino abandona a natureza; a “alma do mundo” não está mais no “corpo” do mundo, mas para o estoicismo, o mundo é único e está governado de acordo com a Natureza, que, por sua vez, é como uma confluência de toda a história da noção de natureza na Grécia, desde suas origens religiosas, semelhante a uma força cosmogônica, a *physis* estoica cria o mundo e o ordena.⁴⁹

Estrabão vive num período conturbado, do ponto de vista das transformações existentes na época, sejam elas político-territoriais, culturais, e, no que nos importa fundamentalmente, no presente estudo, filosóficas e geográficas. A divisão que possibilitou essas inúmeras mudanças, muitas das vezes, paradoxais, foi marcante nos anos 88-86 a.C., quando em primeiro lugar Ateníon, filósofo peripatético, e depois Aristíon, filósofo epicurista, adquiriram poder absoluto em Atenas e aliaram-se a Mitrídates contra os romanos, mas que, no entanto, destituíram Atenas da posição central no mundo filosófico, através do cerco do exército de Sula, marcando profundamente o estoicismo, pois no caso da Stoá, Posidônio e os demais membros da última geração da escola ateniense são os últimos filósofos considerados dignos de inclusão.⁵⁰

A nova descentralização filosófica teve maior impacto nos grandes centros culturais, como Atenas, Alexandria e, em menor medida, Roma, do que nas capitais regionais. Estrabão julgava que em fins do século I a.C., os estabelecimentos educacionais em Tarso superavam os de Atenas e Alexandria, pois Tarso tinha produzido estoicos eminentes pelos dois últimos séculos, incluindo Zenão de Tarso e Antípatro de Tarso. Na segunda metade do século I a.C., Roma tinha adquirido um dos eixos da atividade estoica. Frequentemente se observa que o sistema de valores dos

⁴⁵ O *lógos* perpassa tudo, por isso o mundo é animado, logo é vivo e possui razão (ULLMANN, 2008).

⁴⁶ ULLMANN, 2008.

⁴⁷ Antípatro foi, na metafísica, o primeiro estoico de que se tem notícia a escrever sobre as “propriedades”, um tema que envolve uma comparação entre as Formas Platônicas e suas equivalentes no sistema estoico.

⁴⁸ SEDLEY IN INWOOD, 2006, p. 21-23.

⁴⁹ DARAKI IN ROMEYER-DHERBEY y DARAKI, 2008, p. 49-50.

⁵⁰ SEDLEY IN INWOOD, 2006, p. 26-30.

patrícios romanos tornava-os estoicos por natureza⁵¹. Foi em tal ambiente filosófico que teve início a fase “romana” do estoicismo, em que a escola” teve um estatuto institucional mal-definido, havendo certa dose de ecletismo e de fusão de diferentes filosofias.⁵²

Para os estoicos, as filosofias que se sucederam até Aristóteles multiplicaram as oposições em relação às explicações do universo, portanto, era preciso conciliar esses termos, e para tal ensejo dentre as filosofias da Antiga Grécia, aquela que desfazia as oposições era a filosofia heraclitiana, versando que o universo é um fogo que se extingue e se reacende, que há no universo tensão e afrouxamento, e que nisso consiste a harmonia. É voltando a Heráclito que os estoicos se propõem a desfazer as oposições, derrubar as distinções estabelecidas por Platão e Aristóteles, e fundar uma física que sirva de base incontestável à moral, e que conduza à felicidade.⁵³

O princípio que é o ser por excelência e cujos diversos graus de tensão e de afrouxamento representam todas as formas possíveis da existência, segundo os estoicos, é o fogo. Eles vão buscar em Heráclito tanto a ideia quanto a palavra, mas animando sua doutrina por um espírito novo. O fogo, tal como os estoicos o concebem, é um sopro divino, e é causa de todas as coisas, é o próprio Deus⁵⁴, que é força ativa, que explica a unidade do universo no espaço e a continuidade do universo no tempo. Os estoicos falavam de um destino interior que preside a todas as mudanças do universo, cujo destino é a lei comum. E é por isso que esse princípio interior ao mundo, eles o chamam de Providência.⁵⁵ Que, por sua vez, é o mesmo princípio que Estrabão utiliza para defender sua fé incontestável na natureza e na Providência.

Para os estoicos, a Terra ocupa o centro do universo, e o cosmo tem uma forma esferoidal, e fora do cosmo há o vazio ilimitado, que é incorpóreo e, por isso, capaz de receber corpos. É a definição de espaço, engendrada por Aristóteles (*spatium est capacitas recipiendi corpora*). O cosmo é caracterizado por uma singular *sympátheia tôn hólôn*⁵⁶, em que tudo está unido por uma maravilhosa lei de afinidade e com recíproca causalidade, em que as coisas são partes de um grande organismo.⁵⁷ Para Estrabão o universo é esférico e esférica é também a superfície da Terra, que admite a atração dos corpos em direção ao centro.⁵⁸

No entanto, segundo Ravaisson, há uma diferença fundamental entre a física estoica e a de Aristóteles, era que para o estagirita, o movimento exige uma ação primeira sem movimento, a do pensamento, superior ao tempo e ao espaço, ou seja, a forma pura é incorpórea. Para os estoicos, pelo contrário, agir não é senão determinar, movendo-se a si mesmo, e sendo móvel, é corpóreo.⁵⁹ Portanto, para os estoicos, a

⁵¹ SEDLEY IN INWOOD, 2006, p. 32.

⁵² GILL IN INWOOD, 2006, p. 32-35.

⁵³ BERGSON, 2005, p. 136-7.

⁵⁴ Os elementos surgem num ciclo de desenvolvimento cósmico, marcado pelo eterno retorno. Inicialmente, o fogo ocupa todo o espaço infinito, num estado de máxima rarefação em que tudo é alma e divinizado. O ar surge de um processo de condensação que gera a água e a terra. A ordem cósmica é presidida por um sopro vital de ar inflamado que percorre os elementos passivos, depositando neles uma razão seminal. Completado o ciclo, um processo de rarefação produz uma conflagração universal, em que a terra, a água e o ar, numa efusão, retornam ao estado do fogo primitivo, que consome toda a matéria. A divindade retorna a sua unidade primitiva, a partir da qual reinicia tudo de novo (ABRANTES, 1998, p. 47).

⁵⁵ BERGSON, 2005, p. 140-2.

⁵⁶ O termo *sympátheia tôn hólôn* encontra-se em Heráclito, frag. 67a (Os Pensadores Originários, 1991).

⁵⁷ ULLMANN, 2008.

⁵⁸ ESTRABÃO, 1991, p. 237.

⁵⁹ Ravaisson, *Essai sur la Métaphysique d' Aristote*, III parte.

forma é inseparável da matéria, e a qualidade assim como a matéria ocupa espaço. Assim, as qualidades desdobradas no espaço representam os diversos graus possíveis de tensão e de afrouxamento de um único e mesmo princípio original.⁶⁰ Uma outra diferença, apontada por Paulo Abrantes, de matriz cosmológica, é que os estoicos teriam dado um passo decisivo ao assimilar o conceito de éter ao de pneuma, uma vez que o éter preenchia o mundo supralunar - o chamado quinto elemento -, mais perfeito que os demais. Os estoicos eliminaram essa divisão entre os mundos sub e supralunar, fazendo o pneuma se estender continuamente por todo o cosmo.⁶¹

Uma premissa fundamental do estoicismo é a tese de que só existem corpos, pois apenas corpos podem agir e sofrer ação, esse é o critério ontológico fundamental. Como já referido, os estoicos são tributários da concepção de *physis* dos jônicos e, sobretudo, de Heráclito. Os estoicos “divinizaram a Natureza” ou “naturalizaram Deus”, ou seja, natureza e Deus identificam-se. O seu materialismo se traduz pela substancialização desse espírito imanente ao mundo, através do *pneuma*: um fluido que possui propriedades análogas às da mistura de ar e de fogo, e que penetra todos os corpos, preenchendo os espaços entre eles.⁶² Em escala cósmica, o pneuma promove uma interdependência de todos os corpos, uma simpatia universal.⁶³

Este fundamento também fora aludido por Estrabão, por influência de Posidônio, a qual o ser humano vive no mundo com os outros em íntima relação e recíproco influxo que os estoicos denominaram *sympátheia tôn hólôn*. Foi Posidônio quem observou atentamente a interconexão de todas as coisas e a enfatizou, no entanto, atribui-se a Heráclito⁶⁴ a ideia da “simpatia” entre todas as coisas,⁶⁵ em que estão integrados os fatores naturais e humanos, e conhecer o homem e a natureza é conformar-se a esse homem divino. Ele também definirá as zonas, adotando os trópicos e os círculos polares como limites, cujas zonas são divididas por diferentes climas (*climata*)⁶⁶ que são responsáveis pela diversidade de solos, vegetação e raças humanas, tomando a ideia de Panécio.⁶⁷

Pode-se dizer que Estrabão diferenciou os vários povos que habitavam as diferentes regiões com o objetivo de melhor descrevê-los. Tal procedimento contribuiu para que Estrabão pudesse explicar o motivo pelo qual algumas das diversas localidades adotaram mais facilmente os costumes romanos do que outras. Preocupando-se com a diferença entre elas, e não especificamente com a identidade de cada uma, Estrabão pôde estruturar sua obra e melhor compreender essa parte da *oikoumene*.⁶⁸

⁶⁰ BERGSON, 2005, p. 137-9.

⁶¹ ABRANTES, 1998, p. 50.

⁶² Percebe-se a influência de concepções de diversos pré-socráticos, como Anaxímenes, Heráclito e Diógenes de Apolônia, que concebiam o pneuma como uma substância com propriedades análogas às do ar e do fogo (Apud ABRANTES, 1998, p. 44-46).

⁶³ Sambursky argumenta que o pneuma estóico, embora tendo uma natureza corpórea, é concebido muito mais como um “campo contínuo de força”. O que, no contexto da ciência grega, representou um grande avanço, já que, até então, toda força estava associada a impacto ou choque (Apud ABRANTES, 1998, p. 49), principalmente no materialismo de Leucipo, Demócrito, Epicuro e Lucrécio.

⁶⁴ Os Pensadores Originários, 1991.

⁶⁵ ULLMANN, 2008.

⁶⁶ Para Estrabão, é necessário o uso da geometria e da astronomia para uma empresa de tais características. Com efeito, os *climata*, as dimensões e todas as outras matérias do mesmo tipo não é possível captá-las bem sem o auxílio de um método baseado em tais disciplinas (ESTRABÃO, 1991, p. 237).

⁶⁷ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 97-99.

⁶⁸ SILVA, 2010, p. 81.

Pelo menos, desde o século V, a teoria da influência do clima sobre todo o tipo de vida tinha progredido. Em Estrabão os dois sentidos de clima, latitude e clima, são empregados, já que a latitude determina o calor, o frio e as condições atmosféricas.⁶⁹ A temperatura média, o excesso de calor ou de frio são utilizados para determinar as zonas. Até a zona equatorial o clima é mais temperado, a terra é mais fértil e melhor regada. Com razão, opõe-se Estrabão a Posidônio quando ele argumentava que as regiões orientais são mais úmidas, porque o sol passa rapidamente ao levantar-se, enquanto que as ocidentais são mais áridas porque ali o sol passa por um longo período de tempo. Ou seja, o clima das regiões demasiado ao Norte e demasiado ao Sul tornam difícil a vida civilizada e, dentro da zona temperada, o clima europeu é o melhor devido à mistura que obriga a trabalhar, em comparação com a Ásia que torna a vida muito fácil. Pelo caráter particular de cada raça depende muito do azar, não da providência, e nele cooperam a natureza e o costume humano⁷⁰. Há, portanto, uma natureza difícil em regiões de clima extremo, tanto pelo frio excessivo do norte como pelo calor e seca da zona tropical⁷¹, que é um limitador para uma vida totalmente civilizada porque obriga o homem a acomodar-se a circunstâncias adversas. Mas, o comportamento dos diferentes povos não é idêntico, há também boas condições naturais que favorecem o progresso da civilização mas não o garante. Somente os povos capazes de se organizar social e politicamente pode aproveitar a oportunidade.⁷²

Esta teoria tem um ar bastante aristotélico, pois para o estagirita a melhor civilização é um termo médio entre uma natureza muito pobre ou muito rica e entre os povos que devem trabalhar em excesso, e outros, com o mínimo esforço iriam encontrar o resultado máximo de uma natureza generosa. Aristóteles sintetizou em sua *Política* alguns dos conceitos que vemos em Estrabão, como a definição da cidade como a comunidade perfeita e o homem como um animal político por excelência; a natureza oferece o sustento que o homem deve saber aproveitar convenientemente. Estrabão assevera que nos povos mais primitivos, a influência da natureza é determinante. No entanto, em algumas passagens, Estrabão ecoa as ideias sobre a inocência primitiva e a corrupção da civilização, que já aludia Platão.⁷³

Deste modo, quanto à etnografia, Estrabão é herdeiro de uma teoria da cultura humana que começa a partir dos sofistas. A ideia de progresso humano e a dicotomia sofista entre *physis* e *nomos* são centrais. As enormes diferenças de recursos naturais ou de clima foram notadas a partir de antigos condicionantes básicos da atividade humana, embora não tenha caído num determinismo absoluto, pois a capacidade de explorar o meio define o homem civilizado. O homem primitivo vive como um animal e tem costumes selvagens que só se abrandam à medida que vão se civilizando. Tudo isso estava na etnografia anterior e a encontramos na obra de Estrabão. Na sua concepção, o desenvolvimento da civilização coincide, com exceções, com a expansão de gregos,

⁶⁹ Quanto a inter-relação das disciplinas geográficas, segundo Estrabão, nem mesmo quem já tem tão elevado pensamento mantém-se ciente do estudo de toda a Terra. Assim, parece admissível que a geografia está em estreita ligação com a atividade meteorológica e geométrica, unindo em uma só entidade o que há na terra e no céu, na ideia que estão muito próximos uns dos outros (ESTRABÃO, 1991, p. 228).

⁷⁰ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 141-144.

⁷¹ Admitiu a existência de cinco zonas terrestres: a tórrida, duas temperadas e duas glaciais. Mas, sem justificar sua opinião, afirmou que somente a zona temperada boreal era habitável; a tórrida e as glaciais, em virtude das temperaturas excessivas, não permitiriam a vida humana (AZEVEDO, 1965, p. 151).

⁷² BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 149.

⁷³ Trecho encontrado nas Leis, de Platão; tem havido uma revolução moral da inocência à corrupção (Apud ESTRABÃO, 1991, p. 149-153).

macedônios e romanos, e sua geografia histórica é, sobretudo, a história da expansão desses povos que trouxeram a civilização para quase todo o mundo conhecido.⁷⁴

Os estoicos afirmam que nenhum homem é escravo por natureza⁷⁵. A ascendência aristocrática é pura convenção. O estoicismo transcende a sociedade e a história para propor aos homens outro nível de integração: o mundo e a natureza. Viver conforme a natureza transforma-se na nova matriz a partir da qual a identidade é forjada. A *physis* estoica não é matéria, mas “razão”, “alma” e “espírito”, mas no homem, a alma do mundo é “partícula do divino”, é a “perfeição de acordo com a natureza”, congenitamente presente no homem. É o caso do homem, “reconciliar-se consigo mesmo”, que nada mais é do que reduzir tudo o que nele não é “parte divina”.⁷⁶ A educação de Estrabão foi a que corresponde aos homens livres, no entanto, em Estrabão é duvidosa sua ideologia escravista, que pode ser averiguada em sua descrição dos britânicos ou em sua repugna perante os escravos corsos. Na realidade, sua etnografia está a serviço do imperialismo, legitimando uma possível escravidão⁷⁷.

Se é que dá para sintetizar o exposto no que se refere à ontologia da Geografia de Estrabão, pode-se dizer que as ideias encontradas em seus conceitos de inteligência, sua fé nos desígnios da natureza e no papel da Providência, que gera os seres vivos e produz mudanças dentro da unidade do todo, na mais ínfima das partes, inclusive no homem, sempre em busca da felicidade são fundamentos estoicos, contudo não exclusivamente. E o homem não é senão uma “partícula do divino”, em que natureza e Deus se identificam, e que se explica a unidade do universo no espaço, que entrelaça a Física, a Lógica e a Ética, numa fundamentação autodeclarada estoica, que também funda a ontologia de Estrabão, que trata do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

BIBLIOGRAFIA:

- ABRANTES, Paulo C. C. *Imagens de natureza, imagens de ciência*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998, 247 pp.
- AZEVEDO, Aroldo de. *O mundo antigo: expansão geográfica e evolução da geografia*. Editora da Universidade de São Paulo, 1965, 173 pp.
- BERGSON, Henri. *Curso sobre filosofia grega*. Tradução: Bento Prado Neto, Martins Fontes, São Paulo, 2005, 343 pp.
- CABO ALONSO, Ángel. *Condicionamientos geográficos: Edad Antigua*. Madrid: Ed. Alianza, 1983.
- ESTRABÓN. *Geografía*. Libros I y II. Introducción general de J. García Blanco; Introducción y notas de J. L. García Ramón y J. García Blanco, Madrid: Editorial Gredos, 1992, 559 pp.
- FRAILE, G. 1956. *Historia de la Filosofía I*. Madrid, BAC, 839 p.
- INWOOD, Brad. *Os estoicos*. Tradução Raul Fiker; preparação e revisão técnica Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odysseus editora, 2006, 482 pp.
- KARANTASI, V. Tsiolis. *La Geografía antigua*. Madrid: Ed Arco-Libros, 1997.

⁷⁴ BLANCO IN ESTRABÃO, 1991, p. 146-9.

⁷⁵ Os estoicos descartaram a diferenciação entre os homens por causa de instituições como nobreza, sangue ou superioridade de alguma raça sobre a outra. Todos os homens são capazes de alcançar a virtude, todos são livres e ninguém é naturalmente escravo.

⁷⁶ DARAKI in ROMEYER-DHERBEY y DARAKI, 2008, p. 53-56.

⁷⁷ BLANCO in ESTRABÃO, 1991, p. 47-48.

- KRETSCHMER, Konrad. *Historia de la Geografía*. Editorial Labor S. A., Tercera edición revisada, Barcelona, 1942, 201 pp.
- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. 1991. *Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis, Vozes, 93 p.
- RAVAISSON, *Essai sur la Métaphysique d' Aristote*, III parte.
- ROMEYER-DHERBEY, Gilbert y DARAKI, Maria. *El mundo helenístico: cínicos, estoicos y epicureos*. Traducción de Fernando Guerrero. Ediciones Akal, S. A., 2000, 2008 para a língua española, Madrid España, 72 pp.
- ROMERO, José Luis. *De Heródoto a Políbio – El pensamiento histórico en la cultura griega*. Espasa-Calpe Argentina S. A., Buenos Aires, 1952, 144 pp.
- SANDBACH, F.H. 1989. *The Stoics*. 2ª ed., Worcester, the Brill Press, 190 p.
- SILVA, Bruno dos Santos. *Introdução aos estudos sobre a geografia de Estrabão*. Mare Nostrum, ano 2010, v. 1.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Filosofia da natureza nos estoicos*. Filosofia Unisinos - jan/abr 2008.